

A ESCUTA EM PSICANÁLISE NO CONTEXTO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

TALITA NORONHA ALVES

Graduada no curso de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); pós graduada em Psicanálise: teoria e técnica pela Faculdade Integrada de Patos (FIP) e pós graduanda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tallitanoronha@gmail.com;

LUDWIG FELIX MACHADO LEAL

Graduado no curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pós graduando do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social pela Universidade Federal de João Pessoa (UFPB); ludwigleal@gmail.com;

MÍSIA CAROLYNE PEREIRA DE MORAIS

Graduada no cursos de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), pós graduanda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), misiacarolyne@gmail.com.

RESUMO

Objetivo: Este artigo tem como objetivo principal discutir a escuta em psicanálise como ferramenta de promoção de saúde mental no contexto escolar durante a pandemia do novo coronavírus. Toma-se como principal referência teórica o texto O mal-estar da civilização escrito em 1930 por Freud. **Métodos:** O presente artigo caracteriza-se como sendo um relato de experiência. Para tal relato, foram realizadas reuniões em grupo, com estudantes, cujo objetivo era a promoção de um espaço de acolhimento e escuta aos adolescentes alunos de uma escola privada situada no município de Campina Grande, na Paraíba. Os grupos foram compostos por alunos das turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio durante os meses de junho a agosto de 2020. **Resultados:** a análise de conteúdo do tipo análise categorial evidenciou a emergência de 172 unidades de conteúdo, as quais formaram seis categorias temáticas e 16 subcategorias. **Conclusão:** é no um a um, turma a turma, família a família que se pode intervir. Sabemos, entretanto, que intervenções como essas devem ser feitas constantemente na instituição visto que o sofrimento humano é inerente a existência e sempre surgirão novos desafios para ser enfrentados. Assim, de maneira preventiva ou por meio de escutas de emergências vai se tecendo o fio da significação pela oferta da palavra no ambiente escolar. **Palavras-chave:** Psicanálise, Escola, Pandemia.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal discutir a escuta em psicanálise como ferramenta de promoção de saúde mental no contexto escolar durante a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2). Nessa perspectiva, refletimos sobre o mal-estar da época e a angústia emergente frente às milhões de contaminações e mortes, assim como também ressaltamos a importância da escuta como possibilidade de alívio ao sofrimento psíquico que se pode oferecer nas instituições educacionais. Desse modo, em seguida, discutimos como isso tem repercutido no ambiente da escola através de um relato de experiência.

Para compreender o mal-estar psicológico que emergiu na sociedade durante a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) no ano de 2019 pode-se recorrer ao texto “O Mal-estar na Civilização” (FREUD, 1930), nele se encontram algumas compreensões de Freud sobre o momento de sofrimento pelo qual o mundo passava na época. O autor aponta três fontes principais para esse sofrimento humano, a saber: declínio do próprio corpo que, fadado à dissolução, não pode, sequer, dispensar a dor e o medo como sinais de advertência; desastres da natureza e do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis e destruidoras; e as relações com os outros seres humanos.

Desde 2019 o mundo padece de uma pandemia inesperada, causada por um vírus cuja mutação e disseminação são mais velozes que quaisquer esforços humanos para conhecê-lo. 90 anos depois da publicação desta obra freudiana, temos a chance de contextualizá-la em um outro contexto de sofrimento decorrente da devastação causada pelas milhares de mortes em todo o mundo. É um momento de encontro com o Real, no qual vivenciamos as três fontes de sofrimento discutidas por Freud simultaneamente. Em um instante, nos deparamos com uma pandemia, um fenômeno natural, imprevisto, externo. Nesse mesmo instante, lembramos da vulnerabilidade do nossos corpos, ameaçados por algo invisível, um vírus microscópico. Disto, a compulsoriedade de uma quarentena, reféns em nossas casas, com nossa famílias e/ou outras pessoas, intensificando um convívio que tende a trazer à tona conflitos diversos, latentes, tanto com os íntimos, como com outras pessoas com as quais a comunicação se torna falha e problemática.

REFERENCIAL TEÓRICO: A ESCUTA EM PSICANÁLISE

O encontro com a morte, para a qual não se encontra um registro no Inconsciente, é angustiante. Encontrar-se com a possibilidade de adoecer e morrer é encontrar-se com o Real da finitude humana. Nos tempos em que o adoecimento e a morte são tão evidentes, parece ser difícil escapar do sofrimento causado pela angústia frente ao que foge do esperado (RUTIQUEWISKI, 2019).

A experiência clínica em psicanálise mostra que, em alguns casos, parece inútil lutar contra a própria angústia, visto que não existe anestésico, receita ou remédio que seja eficaz o suficiente para aplacar aquilo que é tão inerentemente humano. Para Lacan, a angústia não mente (MACHADO, 2008), pois ela fala sobre uma verdade subjetiva. A angústia surge diante de um vazio de linguagem, daquilo que as palavras não dão conta de expressar, do profundo sofrimento da alma, daquilo que não tem sentido, daquilo que parece não ter explicação.

Na clínica psicanalítica postula-se que frente à angústia existe uma travessia. Ali onde não se pode explicar talvez se possa suportar, apesar do não sentido. A angústia que pode surgir nesses tempos também pode ser questionada, para que ela serve? Ali onde dói cabe algumas outras perguntas: Onde dói? Como é essa dor? O que ela diz sobre mim?

Perguntar, questionar, falar, mesmo ali onde faltam as palavras. Fazer os significantes circularem no discurso, dando lugar a novos significados - todas possibilidades de saídas para lidar com aquilo que os remédios podem até disfarçar, mas nunca fazer desaparecer. É a invenção de uma saída inédita pelo e para o sujeito.

Ainda sobre “O Mal-estar na Civilização”, entre defesas e fugas, Freud (1930) nos aponta outras possíveis saídas em meio ao caos mundial. Em tempos em que a morte dilacera e força este encontro com o abismo do Real, a sublimação da libido se mostra como instrumento possível às ressignificações disso que sobra, e as vezes falta. Os caminhos podem ser muitos, mas, essencialmente, e, sobretudo, o amor, ainda é o mais poderoso. Disto, a psicanálise – a cura pelo amor. Mas, por que consideramos a escuta em psicanálise tão importante?

A escuta flutuante possui um lugar central na psicanálise e requer do psicanalista atenção ao que é dito e também ao não-dito e passa despercebido pelo paciente – o enunciado e à enunciação. Nos discursos dirigidos ao analista, pode-se observar um ritmo próprio, cadência, intensidade diferenciada

em alguns fonemas, excitação explícita em gaguejos ao pronunciar determinada palavra, o sentido duvidoso de uma frase mal elaborada, entre outros fenômenos de linguagem. Nada disso deve escapar na escuta do profissional em psicanálise (ALONSO, 1988).

O psicanalista estima, portanto, ouvir o significante que se repete, uma vez que é produto da pulsão o empuxo à repetição, em virtude da insatisfação que é estrutural. Na medida em que o falante é escutado o próprio efeito de ouvir-se também é terapêutico.

O analisando se dirige ao analista como sendo o único destinatário de sua palavra, o que não é mais que a tentativa que o analisando faz de articular seu desejo a uma presença concreta. De atribuir ao desejo um objeto para não reconhecer que o desejo, em sua impossibilidade de satisfazer-se, implica em uma falta, em uma ausência (ALONSO, 1988, p. 3):

A escuta analítica, então, pressupõe a semblantização do analista, o que impede a satisfação substituta do desejo e remete o sujeito às origens inconscientes, onde desejos infantis de amor, ao não serem satisfeitos, abrem a possibilidade de resignificação. Por isso o analista, ainda que fale, não o preenche e nem o responde (MACEDO; FALCÃO, 2005).

Compreendendo isto, percebe-se que é nas lacunas do discurso onde se pode produzir significação. Portanto, deve-se proporcionar ao analisando, através da escuta, a possibilidade de recordar, repetir e elaborar suas questões com o propósito de que este se implique e transforme aquilo de que se queixa em sintoma analítico, e, assim, entre em análise. É este o desejo que o analista deve sustentar desde a primeira escuta com aquele que lhe procura: de que uma análise aconteça.

Dunker e Thebas (2019) seguem nessa direção ao enfatizar que o psicanalista ajuda o paciente a se escutar, pois quanto menos o sujeito se escuta, mais demanda ser escutado pelos outros. Nessa lógica, porquanto maior o sofrimento, menos o sujeito se ouve. Por isso, a escuta psicanalítica assume e valida que todo sujeito carrega consigo uma singularidade sobre suas questões, a saber:

O paciente não é apenas uma mulher ou um homem, uma criança ou um velho, um psicótico ou um neurótico, mas este um, que ocorre na forma única de usar instrumentos simbólicos e coletivos, como língua falada segundo seu próprio idioleto (Dunker; Thebas, 2019, p. 27).

O psicanalista escuta, então, nesta direção, partindo do pressuposto de que é a linguagem do paciente que tem valor, e não a sua própria ou os seus valores, crenças e moral. O psicanalista oferta-se como objeto para que aquele que lhe procura possa ocupar o lugar de sujeito, e este lugar deve ser ofertado onde quer que o psicanalista atue, seja em clínicas, escolas, hospitais, empresas, nas políticas públicas ou quaisquer outros espaços, pois o que está em questão é a função do analista, o semblante. É certo que cada ambiente de labor terá demandas específicas, alinhadas com o público que atende, donde o analista também segue em conformidade (DUNKER; THEBAS, 2019).

É nessa perspectiva que o profissional da psicologia escolar, orientado pela psicanálise, pode atuar. Favorecer o acolhimento por meio de uma escuta atenta é o primeiro passo dessa atuação transformadora e necessária. O alívio da angústia é experimentado por quem é recebido em um espaço livre de julgamentos, onde a fala livre será acolhida e pontuada por uma escuta flutuante. Para se fazer isso em um ambiente escolar requer muitas vezes criatividade, visto que o trabalho não clínico foge do padrão tradicional de escuta individual e pede por novas intervenções, visto que nas instituições se prioriza o trabalho coletivo. Dessa forma, segue a descrição de como se operacionalizou as escutas em grupo ao longo da pandemia enquanto as aulas ainda estavam 100% online de modo remoto.

MÉTODOS

O presente artigo caracteriza-se como sendo um relato de experiência. Foram realizadas reuniões em grupo, com estudantes, cujo objetivo era a promoção de um espaço de acolhimento e escuta aos adolescentes alunos de uma escola privada situada no município de Campina Grande, na Paraíba. Os grupos foram compostos por alunos das turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio durante os meses de junho a agosto de 2020.

A necessidade por tal acolhimento surgiu através de demandas de pais e responsáveis destes estudantes, que perceberam, dada a singularidade de uma situação pandêmica, mudanças nos comportamentos dos filhos, endereçando à escola suas preocupações, o que catalisou a iniciativa da instituição em conhecer mais a realidade destes alunos.

Os encontros foram realizados de forma remota e online, uma vez por semana, através do *Google Meet*, para preservação da integridade sanitária

e de saúde de todos os envolvidos. Como ocorriam no horário das aulas e a participação era voluntária, o número de participantes em cada encontro era variável, não seguindo um padrão fixo. Nestes encontros, o início era demarcado sempre com uma apresentação do psicólogo às turmas, seguido de uma breve discussão sobre o papel deste profissional nas instituições de ensino e naquela instituição em particular, como meio de informá-los e dirimir dúvidas que poderiam se impor como forma de resistência à participação dos alunos.

Ao longo do encontro, as turmas eram questionadas e motivadas a expor suas principais dificuldades relacionadas ao novo contexto de pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), seja de forma singular ou coletiva e concernentes a sua vida particular ou acadêmica. Disto, uma vez listadas as dificuldades, foi usada a técnica da associação livre, própria da psicanálise freudiana, a fim de escandir ainda mais o tema e mobilizar simultaneamente os alunos a falarem sobre suas questões.

A associação livre é uma técnica desenvolvida por Sigmund Freud (1913), e considerada a única regra a ser seguida em uma análise – a regra fundamental. Esta técnica consiste em deixar que o paciente – nesse caso o participante – diga tudo o que sua auto-observação lhe fornece, tudo o que lhe vem à cabeça, e: “Se depois dessa injunção ele conseguir pôr sua autocrítica fora de ação, nos apresentará uma massa de material – pensamento, ideias, lembranças – que já está sujeita à influência do inconsciente” (QUINET, 2009, p. 9).

Frente aos discursos, tal como no *setting*, foram usadas as estratégias de pontuação e retroação dos discursos, pois é, segundo Quinet (2009, p. 52) “através de uma pontuação, [que] o discurso comum é transformado em manifestação do inconsciente”. A retroação, por sua vez, consiste em esmiuçar, pontuar, sublinhar, ritmar, pronunciar, destacando as sílabas ou os grupos de palavras, com intenção de ampliar os significantes. Quanto à pontuação, chamado por Lacan de “corte”, significa dar um basta à sessão, encerrá-la, no momento em que o analista julgar que dali há algo que deve ser elaborado de forma inconsciente. É o encontro forçoso com o real da palavra que toca no corpo. Tais estratégias, evidentemente, foram adaptadas ao contexto escolar e grupal no qual foi desenvolvido o trabalho.

Quanto aos instrumentos de registro dos dados, estes foram registrados mediante anotação em diários de campo tendo como foco o registro das dificuldades associadas a pandemia que foram relatadas pelos alunos. A análise dos dados anotados se deu por meio de análise de conteúdo do tipo análise

categorial (BARDIN, 2010) e o software utilizado foi o *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ). Por fim, e para embasar a discussão de tal resultado de análise, foi utilizada o corpo teórico da psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Lacan.

RESULTADOS

Conforme relatado no tópico anterior, a análise de conteúdo do tipo análise categorial evidenciou a emergência de 172 unidades de conteúdo, as quais formaram seis categorias temáticas e 16 subcategorias. Estes resultados estão demonstrados abaixo no Quadro 1.

Quadro 1: principais dificuldades dos adolescentes durante a pandemia.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE CONTEÚDO F	UNIDADES DE CONTEÚDO %
Isolamento social	Saudade dos amigos	23	13,3
	Dificuldades nos relacionamentos familiares	13	7,5
Lidar com as emoções	Medo	6	3,4
	Tristeza	7	4
	Controle emocional	6	3,4
Lidar com a angústia	Ansiedade	23	13,3
	Estresse	9	5,2
	Outras angústias	7	4
Manter uma rotina	Exercício físico	3	2
	Tédio	12	7
	Controle do tempo on- line	3	2
	Administrar o tempo	8	4,6
	Tempo para dormir	3	2
Insegurança	-----	11	6,3
Rendimento escolar	Manter o foco, atenção e concentração nas aulas	16	9,3
	Dificuldades de aprendizagem	22	12,7
TOTAL		172	100

Fonte: os autores.

Como se pode observar no Quadro 1, a primeira categoria – **Isolamento social** – corresponde a 20,8% do total de respostas, formando duas

subcategorias. Na primeira subcategoria - saudade dos amigos -, as 23 unidades de conteúdo correspondem a 13,3% do total de respostas, demonstrando que o isolamento social tem sido percebido como uma das maiores dificuldades desses adolescentes durante a pandemia. A segunda subcategoria - dificuldades nos relacionamentos familiares -, corresponde a 7,5% do total, sendo estes os principais exemplos citados como fatores de incômodo percebido pelos participantes: brigas com os irmãos, ciúme do relacionamento dos pais com algum dos irmãos e briga com os pais.

A segunda categoria - **Lidar com as emoções** – corresponde a 10,8% do total de respostas, formando três subcategorias. Na primeira subcategoria – medo -, as 6 unidades de conteúdo correspondem a 3,4% do total de respostas, sendo o medo de ser infectado, medo de morrer e medo de algum parente morrer as principais respostas dadas pelos participantes. A segunda subcategoria – tristeza -, formou 7 unidades de conteúdo (4%). A terceira subcategoria – controle emocional -, formou 6 unidades de conteúdo (3,4%) tendo como principais queixas a dificuldade de controlar o choro, a raiva e vergonha em diversas situações do cotidiano.

A terceira categoria – **Lidar com a angústia** – corresponde a 30% do total de respostas, formando 3 subcategorias. Na primeira subcategoria – ansiedade -, observa-se a formação de 23 unidades de conteúdo, o que corresponde a 20,8% do total de respostas, sendo esta, ao lado da subcategoria “saudades dos amigos”, a maior dificuldade apontada pelos adolescentes durante a pandemia. A segunda subcategoria – estresse -, formou 9 unidades de conteúdo (5,2%). A terceira subcategoria - outras angústias -, formou 7 unidades de conteúdo (4%). Nesta subcategoria foram agrupados termos como “angústia”, “aperto no peito”, “preocupação sem motivo” e outros que foram citados pelos participantes.

A quarta categoria - **Manter uma rotina** – corresponde a 17,6% do total de respostas, formando 5 subcategorias. A primeira subcategoria - exercício físico -, formou 3 unidades de conteúdo (2%) e foi apontada pelos adolescentes como um problema, visto que não conseguem encaixar em suas rotinas um momento para fazer exercícios físicos. A segunda subcategoria – tédio -, foi bastante citada pelos participantes, formando 12 unidades de conteúdo e correspondendo a 7% do total de respostas. Os adolescentes que se queixaram do tédio com uma das suas principais dificuldades apontaram que não conseguem incluir novas atividades nas suas rotinas, de modo que se sentem entediados o tempo todo. A terceira subcategoria - controle do tempo on-line -, foi apontada por alguns adolescentes (2%) diante da

dificuldade de controlar o tempo usado nas redes sociais. A quarta subcategoria - administrar o tempo -, foi formada por 8 unidades de conteúdo (4,6%), as quais possuem como principal queixa a dificuldade em separar momentos de descanso e lazer e determinar um momento para estudar. A quinta subcategoria - tempo para dormir -, formou 3 unidades de conteúdo (2%) a partir das queixas relacionadas a não ter hora para dormir nem para acordar.

A quinta categoria – **Insegurança** – foi formada por 11 unidades de conteúdo, correspondendo a 6,3% do total de respostas. As principais inseguranças citadas pelos adolescentes foram a timidez excessiva, insegurança em relação aos estudos e a relacionamentos.

A sexta e última categoria – **Rendimento Escolar** – formou duas subcategorias e corresponde a 22% do total, representando a segunda maior preocupação dos alunos, atrás apenas da categoria “Lidar com a angústia”. A primeira subcategoria - manter o foco, atenção e concentração nas aulas on-line -, formou 16 unidades de conteúdo e correspondeu a 9,3% do total de respostas. A segunda subcategoria - dificuldades de aprendizagem -, formou 22 unidades de conteúdo e corresponde a 12,7% do total de respostas. Nesta subcategoria foram citadas as dificuldades em realizar as atividades propostas, em fazer cálculos e em entender os conteúdos ministrados pelos professores.

DISCUSSÃO

Diante das respostas coletadas e da amplitude das discussões possíveis, concentramos nossos esforços apenas em uma das categorias, qual seja a terceira, cujo significativo mais se repetiu nos discursos dos adolescentes ouvidos (30% do total), e que trata do sentimento de angústia, tema amplamente discutido na psicanálise desde Freud.

Na psicanálise freudiana, a angústia é, em linhas gerais, diretamente relacionada a economia psíquica e a libido, sendo, portanto, a energia sexual reprimida ou não elaborada que se acumula e extravasa de modo a proporcionar sofrimento psíquico (FREUD, 1926). Essa energia sexual, então, desconectada de um objeto ao qual se unir para lhe dar corpo, se revela enquanto angústia, e, nesta lógica, a angústia é “sem objeto”.

Para Lacan, que vai além de Freud, a angústia é um afeto e não apenas um sintoma, e, mais que isso, a angústia é o único afeto que não engana, porque é da ordem do Real, portanto, impassível de representação no simbólico, de modo que é também impossível de ser concebido pelo sujeito,

que fica à deriva diante de tal angústia, que representa a relação do sujeito com o objeto *a*: “A manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção, é a angústia” (LACAN, p. 98, [1962-1963] 2005).

Neste sentido, Lacan discute a compreensão de Freud quando diz que a angústia tem sim objeto, e que este é objeto *a*. Contudo, o objeto *a* não é um objeto em si, porque não existe no mundo real, não é resumido a um único objeto físico e sólido da realidade, mas está contido no próprio sujeito, que elenca simbolicamente um objeto como sendo o objeto de desejo.

Para Lacan, o objeto *a* não é objeto de desejo e sim objeto causa de desejo, pois, uma vez que não existe, é um vazio, e, sendo vazio, apenas pode causar desejo e busca, jamais apreensão (LACAN, [1962-1963] 2005). É na busca pelo vazio, sem se dar conta de que é vazio, que a angústia emerge no corpo como afeto verdadeiro, porque representa o que há de mais singular em cada sujeito: não há angustias iguais em sujeitos diferentes. Se põe no corpo o que excede o simbólico, tornando-o real na pele, um acontecimento de corpo.

Para driblar esta falta, o sujeito recorre a produção de fantasia, única, própria, sob a qual rege sua realidade e na qual se protege da invasão insuportável do Real, pois o encontro com o objeto *a* significa o encontro com o gozo, mortífero. Para não morrer, o sujeito se impõe um véu no qual apenas possa vislumbrar, de forma turva, aquilo que julga conter o seu gozo. É quando o alcance do objeto *a* se aproxima demais que o sujeito se angustia, pois isso significa se encontrar com o Real – e para isso o sujeito não tem recursos.

Neste sentido, como a angústia se impõe a adolescentes isolados em tempos de pandemia? Na lógica da fantasia como o véu sob o qual cada um elenca sua forma de ver o mundo, podemos verificar a fantasia e angústia tornando-se mais evidente nos romances familiares escancarados pela ocasião de uma pandemia, que obriga as partes de um todo a conviverem mais tempo juntos, abalando as estruturas fantasiosas de cada sujeito, colocando em xeque vazios já ilusoriamente preenchidos, fazendo a falta faltar.

É na adolescência que os filhos começam a se desvincular identitariamente dos pais e há o desmanche do romance familiar do qual é próprio (FREUD, 1909). É nessa fase que fica evidente o processo de disjunção e desalienação dos filhos para com os pais, em busca de uma nova identidade, na qual a escola e as relações sociais que este adolescente desenvolve nesse ambiente são de absoluta importância, tendo em vista que haverá maiores ou menores identificações entre seus pares, que podem ser motivo

de angústia ou de satisfação para o adolescente, permitindo-lhe um suporte social nesta etapa da vida que demarca a passagem da vida infantil à vida adulta.

Na adolescência, a fantasia de perfeição criada pelos filhos em relação aos pais se desintegra, pois já não cabe mais a manutenção da ideia de perfeição do par parental pelo adolescente. Aqui, o adolescente percebe que seus pais não são tudo aquilo que fizeram pensar ser, e é preciso demarcar que esse des-vínculo não é sem sofrimento. Aqui o adolescente aprenderá que o amor pode estar vinculado a satisfação sexual que antes era barrada (o tabu do incesto), e deverá aprender a distinguir estes dois tipos de afeto – o investido na meta e o desinvestido na meta (FREUD, 2016).

Nesta pandemia, com as aulas presenciais suspensas e transformadas em ensino a distância/remoto, as famílias têm de conviver muito mais tempo juntas, no mesmo ambiente domiciliar, o que pode gerar um maior número de conflitos de diversas ordens. Conforme mostram os resultados dos discursos dos adolescentes ouvidos neste artigo, a terceira categoria que traz maior sofrimento aos alunos é o isolamento social provocado pelo distanciamento social obrigatório, mais especificamente no que tange ao distanciamento dos amigos e os conflitos familiares. De que forma o profissional orientado pela psicanálise pode observar essa queixa?

É preciso lembrar, antes de tudo, que o ambiente escolar proporciona, aos alunos, maior liberdade subjetiva para o adolescente prescindir dos ideais de seus pais, de modo que podem “ser quem realmente são”, preterindo os aspectos de personalidade que são valorizados e premiados pelo par parental. Uma vez impossibilitados de ocuparem o ambiente escolar, em virtude de uma pandemia que nos impõe a todos, e, na presença constante dos pais em casa, a esses adolescentes coube a invenção de um manejo dos vínculos de amizade e da própria “personalidade” mediante estratégias de enfrentamento totalmente novas, antes prescindíveis porque havia o distanciamento físico proporcionado pela ida à escola.

Em casa, muitas vezes, não se pode ter a mesma liberdade que se tem no ambiente escolar, pois os pais tendem a vigiar e regulamentar o ensino dos filhos, para que não fiquem ociosos e improdutivos, alimentando suas próprias fantasias em relação ao que esperam que os filhos sejam e façam no tempo livre. Esta conduta, no entanto, pode ser extremamente nociva e negativa para os adolescentes, que encontram sua subjetividade cerceada pelos pais, de modo que mais conflitos são gerados e o convívio familiar

torna-se um martírio, embora os sofrimentos experimentados pelas partes dessa díade sejam de natureza absolutamente distintas.

Para os pais, as queixas são sobre o comportamento dos filhos e seu rendimento escolar; já para os adolescentes, as queixas estão situadas mais comumente na esfera emocional (SEI, ZUANAZZI, 2016), com foco em sentimentos de angústia e estresse, tal como demonstrou nossa pesquisa.

Quanto ao ciúme dos irmãos, outra das queixas relatadas pelos alunos ouvidos, Freud já escrevera, quando tratava em seu texto “O Romance familiar dos neuróticos” (1908), do sentimento de um dos filhos em ser preterido pelos pais em relação a um outro irmão. Num contexto de pandemia em que todos os filhos estão em casa em tempo integral, é possível que a atenção do par parental esteja desbalanceada entre os filhos, o que é absolutamente natural, tendo em vista que cada relação se estabelece de modo ímpar. Contudo, esse desbalanço natural da relação pode ser notado, pelos adolescentes, em sua fantasia, como uma prova irrefutável de que é menos amado e valorizado por seus pais, o que pode influir diretamente em sua autoestima (FREUD, 2011).

Nestas relações sociais o adolescente se sente compelido ou mesmo coagido a continuar atuando da forma como esperam que atue: assistindo a todas as aulas, fazendo todas as atividades, lendo, produzindo, tirando boas notas – o próprio Ideal do Eu fantasiado pelo par parental. Apesar desta fantasia no qual é objeto, a angústia, resultado do distanciamento social dos amigos e da convivência social habitual, irradia por todas as esferas da vida do sujeito adolescente, que, impedido pelas contingências pandêmicas de estar entre seus pares, tem de adiar seu processo de elaboração simbólica e sexual diante de si próprio enquanto objeto de desejo do Outro, num adiamento do seu vir-a-ser adulto.

Outra das queixas, elencada pelos participantes, trata do rendimento escolar. Xiao e Li (2020), ao abordarem o assunto, chamam a atenção para o fato de que os professores tendem a ter também uma dificuldade no sentido de conseguirem fazer com que as aulas sejam dinâmicas o suficiente para manter os alunos atentos e concentrados, o que não é uma realidade só na China (locus do estudo), mas também no Brasil. É preciso lembrar que o caráter emergencial das medidas de isolamento e a falta de capacitação prévia dos profissionais da educação, no tocante às aulas remotas, tornam o processo de ensino e aprendizagem um grande desafio para a toda a comunidade escolar.

Em se tratando das dificuldades emocionais e angústias que atravessam este momento – outras duas queixas frequentes entre os alunos –, é válido lembrar que estes são sintomas que despontam no ambiente escolar independente do isolamento, sintomas estes que parecem ser reflexo da sociedade contemporânea. Neste período histórico em particular, a necessidade do isolamento intensifica sentimentos de angústia, tédio, estresse, ansiedade e tristeza, advindos de um modo de vida moderno, que, ao passo que traz um imperativo de sucesso na vida adulta, promove um declínio da função paterna, a fragilidade das relações e abandona o sujeito à deriva em um mar de possibilidades; desamparados, sem uma âncora no que diz respeito a figuras com as quais possa se identificar (COUTINHO, 2005).

Nesse mar de possibilidades, a figura do psicanalista, pode se colocar como aquele que escuta e acolhe essa demanda de fala se utilizar da inquietação como forma de promover de movimento e não a estagnação do pensamento frente ao desconhecido. Neste caso específico, em uma instituição educacional, os autores serviram-se da arte como instrumento para criar este movimento e fazer com que os atores (alunos, professores, etc) se colocassem, relacionando suas vivências na pandemia com a poesia e músicas que eram compartilhadas (COUTINHO; ROCHA, 2007).

O movimento que o profissional orientado pela psicanálise tenta incorporar as relações na escola, deve ser objetivado também em sua prática. Nesta direção, é cabível se pensar uma prática que contribua para este momento de transformação da subjetividade deste adolescente, convertendo esse desamparo e a angústia usuais da fase em potência para um (re) arranjo de si e do Outro, mesmo através dos meios tecnológicos.

No mundo virtual, como em qualquer outro ambiente, o imperativo é o da criatividade. Apesar disso, em tempos de internet, se faz necessária, mais do que nunca, uma postura ética, que faça da psicanálise um saber alcançável, politicamente engajado, porém não superficial e duvidoso (GURSKI; ROSA, 2020; CAPOULADE; PEREIRA, 2020). Diante de tais reflexões, como de fato é possível escutar os adolescentes no seu contexto escolar?

Os elementos que atravessam a prática do profissional orientado pela psicanálise, tais como a linguagem e o Inconsciente, transpassam também o ambiente escolar, como colocado anteriormente. Para além da perspectiva psicanalítica, essa discussão pode ser visualizada também a partir de uma perspectiva Vygotskyana, considerando a historicidade e cultura que também se fazem presentes em ambos os espaços – clínico e escolar, tal como assinalado por Gomes, Goulart e Pereira (2018). O entrelace destas duas

perspectivas nos leva a perceber o ser humano como ser pulsional carregado também de história e cultura.

Coutinho e Rocha (2007), quando discorrem sobre sua experiência com um grupo de adolescentes de uma escola pública do Rio de Janeiro - RJ, destacam a possibilidade de uma clínica psicanalítica ampliada capaz de contemplar aspectos políticos e sociais, tornando possível, assim, um fazer menos individual e privado e mais coletivo e compartilhado. Neste caminho, o trabalho do profissional orientado pela psicanálise pode ser operacionalizado em contextos diversos, conforme elucubrado anteriormente, o que prova a grande amplitude de aplicações da psicanálise nos espaços urbanos e sociais, pois, para haver análise, basta a figura do analista, tal como nos demonstrou Freud com a paciente Katarina (FREUD, [1893-1895] 2016), donde apenas a transferência e o analista permitiram que uma análise acontecesse.

É importante frisar a necessidade de se entender o aluno/adolescente não como um estranho, infamiliar, uma existência distante e intocável, mas como um ser que abriga em si tanto algo de estranho, quanto algo de familiar (LAJONQUIÈRE, 2009). É nesta relação especular que reside tanto o ato educativo atravessado pela psicanálise como o fazer psicanalítico dentro do contexto escolar.

A escuta no ambiente escolar deve ser atravessada também pelas categorias tempo e espaço: cada sujeito carrega, como já explicitado, uma história e planos futuros que contém uma espacialidade, uma época, um contexto – familiar e socioeconômico. As relações no âmbito escolar refletem a forma como os relacionamentos interpessoais acontecem para além dos seus muros. Sendo assim, um olhar interseccional, que leve em conta os marcadores de diferenças – de gênero, raça, sexualidade, classe e tantos outros – e seus cruzamentos é essencial para uma prática mais inclusiva, que não reproduza formas de opressão hegemônicas (SILVA, 2017).

Andrade e Lang (2020), quando falam da adolescência, especificamente, explicam que o adolescente é um adulto a vir-a-ser, alguém que está em um limbo em que deve se mostrar competente enquanto adulto, e, portanto, autônomo e responsável. Na direção contrária, lhe é dado ainda o mesmo lugar da criança. É nesta etapa da vida, que o sujeito de desejo começa a despontar.

As identificações e reproduções dos ideais paternos e maternos devem ser mais bem elaborados em consonância com este novo sujeito do desejo, agora não mais objeto do par parental. Este período pode, então,

ser caracterizada como um momento de cisão, de posicionamento frente ao binômio alienação-separação do Outro (COUTINHO; ROCHA, 2007). É nesta jornada dupla - inserida em determinado espaço e tempo -, de diferenciação/individualização e entendimento da inseparabilidade deste Outro que se insere o papel do profissional orientado pela psicanálise.

A prática desse profissional pode se encaminhar pela realização de uma escuta que prime pela circulação da palavra. Este fluxo de significantes e significados, por si só promove a exposição de afetos, externalização de queixas, a reestruturação de discursos. A premissa básica é que quando o sujeito tem a oportunidade de falar, ele se escuta. Em grupo, por sua vez, o sujeito tem tanto o benefício da fala (e de se escutar), quanto de escutar e se apropriar de novos discursos advindos do outro (colega). Nesta construção, o psicanalista é um coadjuvante, que, usando da criatividade, valida e estimula a abertura para múltiplas subjetividades e singularidades, possibilitando e instrumentalizando estes sujeitos na invenção de novas saídas diante de suas queixas e angústias (LIMA; SANTIAGO, 2012; SANTOS, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando um profissional da psicologia se insere no contexto escolar ele encontrará diversos desafios. Quando se está orientado pela ética da psicanálise freud-laciana muitas vezes o choque de visões de mundo com a instituição escolar acontece com frequência e os desafios aumentam. A instituição escolar, muitas vezes tradicional e engessada, pede que este profissional traga respostas prontas ou receitas, tal como um médico faria, para resolver os problemas da comunidade escolar – pais, professores e principalmente alunos em geral. Quando se está em um período caótico de pandemia os desafios se complexificam. A demanda de encaminhamentos para o setor de psicologia aumenta consideravelmente.

Não são poucas as vezes que o trabalho psicopedagógico se confunde com o trabalho clínico entre a própria comunidade escolar quando se chega ao psicólogo buscando um tratamento individualizado, semanal e curativo para os alunos problema. O desafio começa daí. É preciso psicoeducar a comunidade escolar para que seus membros saibam o que um psicólogo escolar faz na escola, como ele pode ajudar e como pode ser contactado.

Em um tempo como este, quando toda a estrutura educacional muda, é preciso se reinventar. O psicólogo orientado pela psicanálise começa seu

trabalho sempre pela escuta, isso não muda, mas essa escuta feita de modo remoto é atravessada por novos problemas como queda da conexão da internet, barulhos e interferências vindos da rua ou de outras pessoas da casa, fragilidade do sigilo ético das escutas, além de que a constante observação de alguns pais que parecem vigiar os seus filhos durante as escutas (apesar de receber orientação de deixá-los sozinhos durante as atividades com o setor de psicologia) pode atrapalhar bastante, isso acaba gerando inseguranças no profissional que até um ano antes não imaginava que teria que se preparar para isso.

Apesar das dificuldades encontramos novas possibilidades. Os autores do presente trabalho puderam ser testemunhas de diversas travessias. Um novo tipo de sofrimento que inaugurou uma nova década trouxe consigo novas formas de se reinventar, mas isso não aconteceu de forma rápida ou em um passe de mágica. Para tratar dessas questões dentro do contexto escolar é importante priorizar o trabalho em grupos. Para isso uma parceria com as coordenações e professores foi imprescindível. Dessa forma foi possível encontrar horários semanais que foram cedidos ao setor de psicologia pelos professores por intermédio das coordenações para que uma escuta em sala de aula pudesse ser feita.

Ao longo das escutas, com bastante paciência, viu-se a criação de vínculos do setor de psicologia com as turmas, claro que uns alunos criam mais e outros menos. Os vínculos devem ser reforçados e o convite à fala deve permanecer sempre aberto. É por essa via que o trabalho pode acontecer, visto que esse tipo de vínculo favorece o estabelecimento da transferência, algo que é de extrema importância para que qualquer tipo de intervenção psicológica tenha efeitos terapêuticos seja em qual for o contexto.

Com o passar do tempo alguns alunos vão se implicando mais nas escutas, falando e associando livremente, contribuindo para que outros colegas de turma possam se sentir mais à vontade para falar também e compartilhar suas angústias coletivamente. Tal trabalho impulsiona a elaboração do presente momento pelo grupo através da circulação do discurso, que faz gerar novas perspectivas e facilita uma mudança de posição frente ao sofrimento.

Resultou disso atendimentos individuais pontuais, orientação aos pais e equipe pedagógica da escola, encaminhamentos e novas formas de lidar com o mal-estar do momento que não estavam prescritas nos manuais. É no um a um, turma a turma, família a família que se pode intervir. Com isso, ao final do ano letivo chegou ao fim as intervenções nas turmas e foi possível

observar um avanço no discurso de alguns alunos como por exemplo, diminuição da ansiedade e tristeza excessiva, melhora na qualidade do sono, retomada dos planos e objetivos para a vida, descoberta de novas formas de se divertir e uma melhora na motivação. Sabemos, entretanto, que intervenções como essas devem ser feitas constantemente na instituição visto que o sofrimento humano é inerente a existência e sempre surgirão novos desafios para ser enfrentados. Assim, de maneira preventiva ou por meio de escutas de emergências vai se tecendo o fio da significação pela oferta da palavra no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALONSO, S. L. **A escuta psicanalítica**. São Paulo: Pulsional. 1988.

ANDERSON, D. R.; SWEENEY, D. J.; WILLIAMS, T. A. **Estatística aplicada à administração e economia**. São Paulo: Cengage Learning. 2007.

ANDRADE, L.; LANG, C. A transferência na clínica psicanalítica de adolescentes. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 2, p. 297-312, 2020. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/165564>>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Loyola. 2010.

CAPOULADE, F.; PEREIRA, M. E. C. Desafios colocados para a clínica psicanalítica (e seu futuro) no contexto da pandemia de COVID-19. Reflexões a partir de uma experiência clínica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, p. 534-548, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p534.6>

CHAREUN, D. Do mal estar na educação à uma linguagem para além do virtual. **Revista Científica Sophia**, v. 1, n. 1, p. 281-300, 2020. Disponível em: <http://ojs.avantis.edu.br/index.php/sophia/article/view/130>

COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 181, n. 3, p. 16-24, 2005.

COUTINHO, L. G.; ROCHA, A. P. R. Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. **Psicologia clínica**, v. 19, n. 2, p. 71-85, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000200006>

DUNKER, C. I.; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: _____. **“Inibição, sintoma e angústia”, “O futuro de uma ilusão” e outros textos** (1926-1929). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123. (Obras completas, 17)

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras completas, volume três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos** (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172.

FREUD, S; BREUER, J. Obras completas, volume 2: **Estudos sobre a histeria** (1893-1895). (1ª ed., L. Barreto, Trad.), São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Originalmente publicado em 1893-1895).

FREUD, S. O Romance familiar dos neuróticos (1909). In: **Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOMES, M. F. C.; GOULART, M. I. M.; PEREIRA, M. R. Psicologia, psicanálise e educação: contrastes culturais e acadêmicos entre Brasil e Angola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.22, n. 3, p. 457-466, 2018. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018032948>

GURSKI, R.; ROSA, M. D. Adolescência, psicanálise e política. **Estilos da Clínica**, v.25, n. 1, 1-4, 2020. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i1p1-4>

LAJONQUIÈRE, L. Educação e infanticídio. **Educação em Revista**, v.25, v. 1, p. 165-177, 2009. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982009000100009>

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. Hystorização e romance: a construção do personagem no diário íntimo de adolescentes. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 15, n. 1, p. 95-115, 2012. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982012000100007>

MACEDO, M. M. K.; FALCÃO, C. M. B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 65-76. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382005000100006&lng=pt&tlng=pt..

MACHADO, Z. Da angústia ao desejo do analista. **Reverso**, v. 30, n. 56, p. 35-39, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952008000200004&lng=pt&nrm=iso.

RIBEIRO, M. P. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação**, v.39, p. 23-30, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003&lng=pt&tlng=pt.

RUTIQUEWISKI, P. “Momãe”: Relato de uma experiência clínica atravessada pela morte. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 43-54, dez. 2019. ISSN 2447-1798. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/253>.

SANTOS, L. A. R. Psicanálise e psicologia escolar: junção possível? **Psicologia Escolar e Educacional**, v.6, n. 1, p. 98-100, 2002. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100014>

SEI, M. B.; ZUANAZZI, A. C. A clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar. **Psicologia Clínica**, v.28, n.2, p. 89-108, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200006&lng=pt&nrm=iso

SILVA, D. V. Diálogos sobre escola e diferença: uma perspectiva interseccional sobre o cotidiano escolar. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v.3, n. 1, p. 154-169, 2017.

STAZZONE, R. O que um psicanalista deve fazer na escola? **Estilos da Clínica**, v.2 n.2, p.44-52, 1997. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281997000200005&lng=pt&tlng=pt.

XIAO, C; Yi Li. Analysis on the Influence of Epidemic on Education in China. In: DAS, Veena; KHAN, Naveeda (ed.). *Covid-19 and Student Focused Concerns*:

Threats and Possibilities, American Ethnologist website. 2020. Disponível em: <https://americanethnologist.org/features/collections/covid-19-and-student-focusedconcerns-threats-and-possibilities/analysis-on-the-influence-of-epidemic-education-in-china>.